



Os Reflexos da Comunicação Total na Atual Interação e Comunicação entre Indivíduos Surdos e Ouvintes¹

Isabela ZANONI²
Emerson Izidoro dos SANTOS³

Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP

RESUMO

As Filosofias Educacionais propostas para o surdo desde meados do século XVI até os dias atuais têm variado muito quanto seu formato de comunicação entre indivíduos que não possuem a mesma língua e forma de conhecer o mundo. Dentre tais visões, a sociedade propôs o desenvolvimento de métodos como a Oralização, a Língua de Sinais ou o Bilinguismo. Contudo, é através da Comunicação Total, iniciada na década de 60, que muitos indivíduos que não possuem um conhecimento mútuo da língua do “outro” resolvem se comunicar nos dias atuais. O trabalho a seguir consiste em estudar a presença contínua da Comunicação Total na atualidade com base em observações de encontros entre surdos e ouvintes em espaços públicos de lazer da cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Total; Língua de Sinais; Oralização; Bilinguismo

UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A SURDEZ

Para compreendermos a existência da Cultura e Identidade Surdas nos dias atuais, é necessário nos aproximarmos das conquistas adquiridas pela Comunidade Surda ao decorrer dos séculos, rompendo preconceitos e abrindo espaço para a pluralidade. Desta forma, é importante analisar cada fase vivida pelo indivíduo surdo durante os séculos, destacando as filosofias educacionais apresentadas por cada época em questão e observando quais as formas de ensino, aprendizagem e desenvolvimento propostas ao surdo.

No período da Antiguidade, o surdo era visto como o indivíduo que não poderia ser educado, ou, mais além, vistos com piedade e misericórdia, como pessoas castigadas

¹ Trabalho elaborado para a apresentação no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Foz do Iguaçu, PR, realizado de 02 a 05 de setembro de 2014.

² Recém-graduada em Letras (bacharelado e licenciatura) pela EFLCH da Universidade Federal de São Paulo, email: isabelazm@hotmail.com

³ Orientador e co-autor do trabalho, professor da EFLCH da Universidade Federal de São Paulo, email: mson.santos@gmail.com



pelos deuses. Em regiões como a Antiga Roma e Grécia, onde os povos cultuavam o físico perfeito, muitas crianças nascidas surdas eram sacrificadas. Aos sobreviventes, eram-lhe negados os direitos de herdar a terra e/ou os bens de seus ancestrais, pois o surdo era visto, principalmente, como um ser deficiente e problemático, incapaz de administrar qualquer coisa, principalmente seus bens familiares. Além disso, Veloso e Maia Filho revelam que filósofos gregos como Aristóteles acreditavam que o pensamento só poderia ser concebido através de palavras articuladas, ou que “[...] de todas as sensações, é a audição que contribui mais para a inteligência e o conhecimento, portanto, os nascidos surdos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão” (VELOSO & MAIA FILHO, 2009, p. 21). Desta forma, por não ouvirem, os surdos eram considerados desprovidos de razão, o que tornava sua educação uma tarefa quase impossível de ser realizada.

Foi a partir do século XVI, contudo, que iniciaram-se as primeiras tentativas de se educar um surdo. Eriksson (1998), renomado pesquisador surdo, refere-se a três fases importantes na história da educação dos surdos:

Primeira Fase: início do século XVI a 1760

Nesta primeira fase da história da educação dos surdos, as crianças surdas eram ensinadas individualmente em seus lares, por tutores médicos ou religiosos, que tinham o intuito principal de ensinar a fala para que os surdos obtivessem direito à herança. Pedro Ponce de Leon (1520-1584) foi um dos principais contribuintes para essa fase de aprendizagem, e adotou um método de utilização do alfabeto manual, parte inventado pelos monges beneditinos da antiga Espanha, parte desenvolvido pela nobre família Velasco (Moores, 1996). Além disso, a prática da escrita e de alguns sinais era constantemente aplicada.

Segunda Fase: 1760 a 1880

Foi no final do século XVIII que iniciou-se a fundação de escolas para surdos em diferentes países da Europa, deixando de lado o método de ensino individual e exclusivo. Na França, o abade Charles-Michel de L’Epée foi o fundador da primeira escola para surdos, iniciando a divulgação e a valorização da Língua de Sinais pelo mundo. Tal inserção à educação coletiva privilegiava também as classes sociais mais



inferiores que não possuíam condições financeiras de obterem uma educação individual em casa, como proposto pelo modelo antigo.

Contudo, diferentes países foram propondo métodos diferenciados de ensino que privilegiavam partes específicas da comunicação. Na Alemanha, Samuel Heinicke acreditava que a principal ferramenta a ser utilizada na educação de surdos deveria ser a fala, sem a utilização de sinais. Na Inglaterra, Thomas Braidwood também privilegiava a modalidade oral, mas desenvolvia-a, também, a partir da articulação do alfabeto manual, da escrita e, por fim, do trabalho da pronúncia oral.

Desta forma, mesmo com o crescimento de instituições de ensino para surdos, duas vertentes distintas brigavam para obterem espaço no ensino europeu para surdos: o Oralismo que, na visão restrita de Heinicke, recusava a língua de sinais e qualquer tipo de gesticulação ou utilização de alfabeto manual, e o Método Visual, defendido por L'Epée, baseado no uso de gestos, sinais, alfabeto manual e escrita na educação de surdos.

A preferência pelo método oral foi reconhecida no II Congresso Internacional de Educação do Surdo, realizado em Milão, em 1880, quando decidiu-se que a oralização seria o método oficial de ensino de surdos nas escolas europeias, baseado exclusivamente no acesso à língua falada por meio da leitura labial e da amplificação do som e na expressão por meio da fala.

Terceira Fase: de 1880 aos dias atuais

O Método Oral reconhecido pelo Congresso de Milão perdurou por aproximadamente cem anos, e manteve uma posição dominante nas escolas da Europa e da América. Contudo, com o passar nos anos, notava-se que o ensino da fala tirava da escola para surdos um tempo precioso que deveria ser voltado para o ensino do conhecimento de mundo e de conteúdos escolares, como Ciências da Natureza, Estudos Sociais e Matemática. Por outro lado, a falta da oralização restringia a possibilidade da integração e inclusão de alunos surdos em escolas regulares ouvintes, bem como a comunicação entre surdos e ouvintes fora do ambiente escolar.

Sendo assim, foi em 1960 que, através de pesquisas feitas com surdos americanos, constatou-se resultados insatisfatórios obtidos pelo oralismo em contraposição a surdos filhos de pais surdos, detentores de uma comunicação por meio de sinais. Surge, então, a Comunicação Total, método que defende que o indivíduo



surdo tenha acesso à linguagem oral por meio da leitura labial, da amplificação (através de aparelhos), dos sinais e do alfabeto manual e que se expressem por meio da fala, dos sinais e do alfabeto.

Schlesinger (1978) também nomeou este novo método de bimodalismo, pois tratava-se do uso de uma só língua produzida em duas modalidades: oral e gestual.

Nas décadas seguintes, diversos países perceberam que a Língua de Sinais deveria ser utilizada independentemente da Língua Oral. Como observado nos dias atuais, muitos surdos utilizam-se da língua de sinais em determinadas ocasiões (especialmente ao dirigirem-se a outros surdos que também a dominam), e a oral em outras (usualmente ao comunicarem-se com ouvintes ou surdos oralizados). Desta forma, a partir de 1980 abriu-se espaço para a Filosofia Bilíngue, que popularizou-se pelo mundo como o ensino de duas línguas para o surdo: a primeira, a língua de sinais, que fornece o primeiro passo para o aprendizado da segunda, a língua majoritária da sociedade ouvinte, na modalidade oral ou escrita.

BILINGUISMO OU COMUNICAÇÃO TOTAL? QUEM USA E POR QUÊ?

O Bilinguismo tem obtido espaço fundamental na sociedade surda atual. É através dele que promovem-se o reconhecimento da cultura, comunidade e identidade dos Surdos, além de afirmar a sua autenticidade por meio de trabalhos científicos, movimentos de protesto e ações culturais, mobilizando alguns responsáveis por sua educação para que esta fosse reformulada (PEREIRA, CHOI, VIEIRA, GASPARI, NAKASATO, 2001).

Ainda sim, a jurisdição nacional tem se colocado a favor dos direitos dos surdos, mais precisamente na última década, com o surgimento de leis e decretos que atendem a reivindicações de movimentos sociais que buscam direitos igualitários para o ensino e acessibilidade ao indivíduo surdo na sociedade brasileira. Dentre eles, destacamos:

- Lei Federal 10.436/2002: reconhece a Libras como língua oficial das comunidades Surdas do Brasil, trazendo mudanças significativas para a Educação de Surdos no Brasil;



- Decreto 5626/2005: insere obrigatoriamente a “Libras” na grade curricular dos cursos de formação de professores para o exercício de magistério, licenciatura e cursos de Fonoaudiologia, em instituições privadas ou públicas;

- Lei 12.319/2010: regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em território nacional.

Contudo, mesmo com o incentivo das Leis e o avanço da Educação Bilíngue, o espaço familiar ainda é o precursor natural do indivíduo surdo para a escolha individual de sua língua e forma de comunicação com o mundo.

Estudiosos como Skliar (1997) e Quadros (1997) apontam em algumas de suas pesquisas que a maior parte das crianças surdas nasce em famílias ouvintes que, em grande parte dos casos, desconhecem a língua de sinais, têm dificuldade de aceitá-la e, por consequência, de usá-la com seus filhos. Desta forma, a “solução” apontada por muitos fonoaudiólogos para essas famílias inserirem com mais facilidade seu filho à comunidade majoritária ouvinte é o desenvolvimento da Oralização e o incentivo à Leitura Labial.

Assim, diversos surdos provenientes de famílias ouvintes poderão ter seu primeiro contato com a Língua de Sinais na juventude ou, em outros casos, quando adultos, principalmente através da interação com outros surdos que utilizam-se desta língua para obterem sua comunicação e seu aprendizado.

Para crianças surdas nascidas de pais surdos, o desenvolvimento da Língua de Sinais é muito mais facilitado, além de constituírem-se indivíduos com uma Cultura e Identidade Surda, assumindo-se não como pessoas com condições patológicas de deficiência, mas, através de uma visão sócio-antropológica, como indivíduos diferentes que aprendem de uma forma diferenciada à sociedade ouvinte.

A Comunicação Total, enfim, encontra-se ao meio dessas duas importantes vertentes: o Oralismo e o Bilinguismo. Por constituir-se através do acesso à língua oral e aos sinais, a Comunicação Total torna-se bimodal, ou seja, refere-se a uma língua produzida em duas modalidades: oral e gestual. Por ser uma mescla de oralização, Língua de Sinais, gestos e escrita, a Comunicação Total ainda permanece presente em muitas interações comunicacionais da atualidade, sendo utilizada principalmente na comunicação entre surdos e ouvintes e entre surdos oralizados e surdos conhecedores da Língua de Sinais.



EPISÓDIOS DE COMUNICAÇÃO: SURDOS E OUVINTES EM AMBIENTES INCLUSIVOS DE LAZER

Ainda em Pereira, Choi, Vieira, Gaspar, Nakasato (2001), observamos que os surdos estão espalhados por todo o território nacional, em diferentes cidades, mas inventam formas criativas de se encontrar. Uma delas é o “ponto de encontro”. Para este trabalho, foram observados dois pontos de encontro distintos na cidade de São Paulo, mais precisamente um na Zona Leste (PONTO 1) e outro na Zona Sul (PONTO 2) da cidade, ambos dentro de Shoppings Center, em suas respectivas Praças de Alimentação. Tais lugares são muito conhecidos pelos surdos de toda a cidade, onde diferentes pessoas se encontram para conversarem, se relacionarem e aprenderem um pouco mais sobre a Cultura Surda e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Dentre os interlocutores, encontramos crianças, jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos. São surdos, oralizados ou usuários da Libras, e ouvintes, em sua maioria familiares ou amigos de surdos, tradutores e intérpretes de Libras e professores interlocutores da rede educativa.



Figura 1 – Encontro de Surdos e Ouvintes – Shopping Metrô Tatuapé, SP

Os pontos de encontro, além de promoverem que novas pessoas se conheçam e produzam relações, também são utilizados por grupos que já se conhecem para marcarem reencontros ou reuniões informais entre associações de surdos, nacionais e regionais.



Figura 2 – Reunião Informal da FPDS (Federação Paulista Desportiva de Surdos), Shopping Metrô Santa Cruz, SP

- “Ponto 1” de observação – Shopping Metrô Tatuapé

O Shopping Metrô Tatuapé é um importante centro comercial localizado no bairro do Tatuapé, zona leste de São Paulo, e anexado a estação Tatuapé do metrô e da rede de trens da CPTM. Foi inaugurado em outubro de 1997, e desde então tem sido ponto importante de encontro de Surdos, que tem seu fluxo intensificado as sextas-feiras, após as 19 horas, próximo à Praça de Alimentação. O Shopping recebe um público variado, mas, entre a maioria dos surdos que frequentam o local, encontramos moradores da Zona Leste e região, que utilizam-se muito do transporte público para sua locomoção. Além disso, o shopping detêm-se de lojas com preços mais populares, indicando um público-alvo de classe média-baixa como frequentador assíduo do local.

Dentre a comunicação observada durante as visitas aos locais de encontro, verificamos um intenso número de surdos que utilizam-se da Libras como principal forma de comunicação com outros surdos. Um fator que pode ser agravante para o encontro desses resultados é a existência de duas escolas bilíngües, próximas ao local, que utilizam-se da Libras como primeira língua no aprendizado dos surdos. Muitos alunos e ex-alunos dessas instituições utilizam o shopping como ponto essencial de encontros semanais.

Para uma verificação mais precisa das observações, confira as tabelas a seguir, que compreendem relações de comunicação entre SURDOS X SURDOS (Tabela 1) e SURDOS X OUVINTES (Tabela 2):



Tabela 1 : SURDOS X SURDOS

Nº de observados: 08												
Faixa etária:												
<table border="1"><tr><td>até 15 anos</td><td>15 à 25 anos</td><td>25 à 30 anos</td><td>acima de 30 anos</td></tr><tr><td>1</td><td>4</td><td>2</td><td>1</td></tr></table>					até 15 anos	15 à 25 anos	25 à 30 anos	acima de 30 anos	1	4	2	1
até 15 anos	15 à 25 anos	25 à 30 anos	acima de 30 anos									
1	4	2	1									
Formas de comunicação:												
Utilizam Libras	Utilizam a oralização	Utilizam a mímica (gestos)	Utilizam a escrita	Não se comunicam								
07	06	01	01	00								

Tabela 2 : SURDOS X OUVINTES

Nº de observados: 10												
Faixa etária:												
<table border="1"><tr><td>até 15 anos</td><td>15 à 25 anos</td><td>25 à 30 anos</td><td>acima de 30 anos</td></tr><tr><td>1</td><td>5</td><td>2</td><td>2</td></tr></table>					até 15 anos	15 à 25 anos	25 à 30 anos	acima de 30 anos	1	5	2	2
até 15 anos	15 à 25 anos	25 à 30 anos	acima de 30 anos									
1	5	2	2									
Formas de comunicação:												
Utilizam Libras	Utilizam a oralização	Utilizam a mímica (gestos)	Utilizam a escrita	Não se comunicam								
07	09	05	01	00								

- “Ponto 2” de observação – Shopping Metrô Santa Cruz

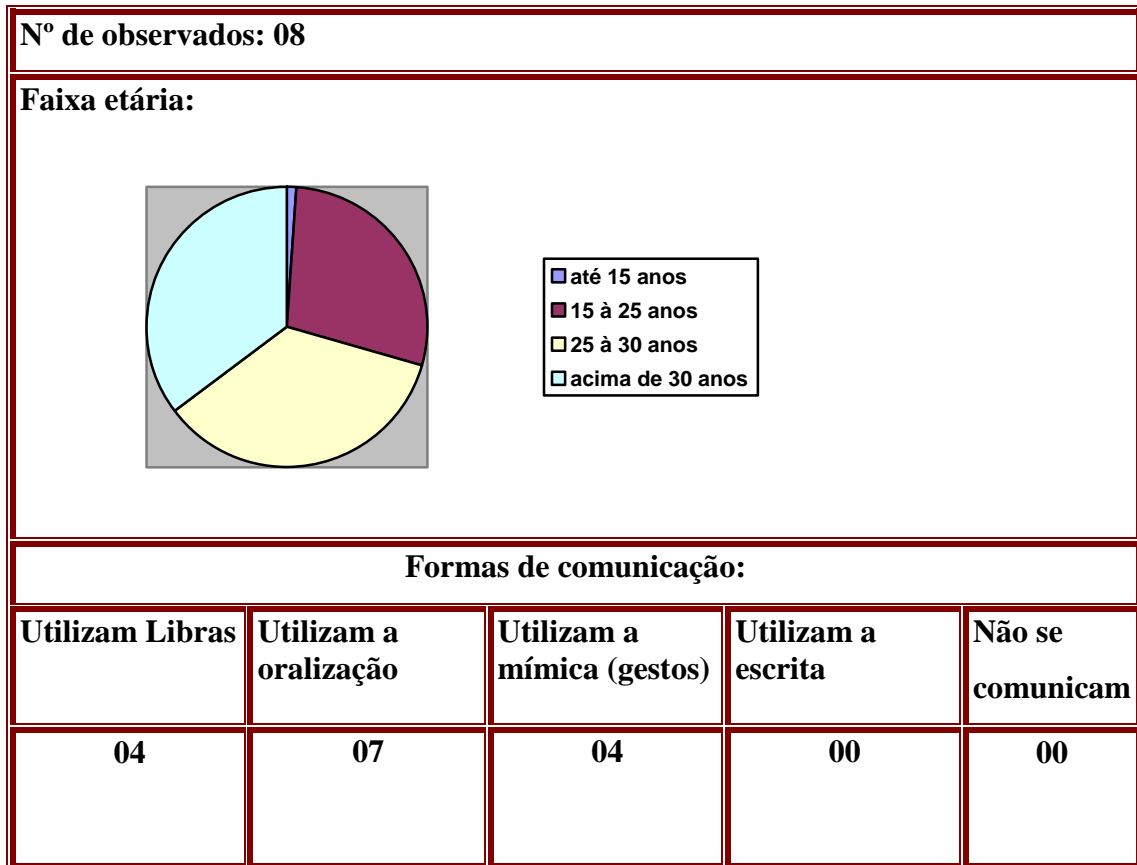
O Shopping Metrô Santa Cruz foi inaugurado em 2001 como o primeiro centro comercial a interligar-se diretamente com uma estação de metrô. Lá encontramos públicos dos mais variados, principalmente moradores da Zona Sul de São Paulo e região. Ao contrário do Shopping Tatuapé, este centro comercial detêm-se de lojas com um preço destinado à classe média, sem muitas ofertas populares. Os surdos que frequentam o local são usuários do metrô, mas também de veículos automotivos próprios, e o mais intenso fluxo de encontros entre surdos e ouvintes acontece aos sábados, após as 17 horas, também na Praça de Alimentação do shopping.

Ao observarmos as interações comunicativas entre SURDOS X SURDOS (Tabela 3) e SURDOS X OUVINTES (Tabela 4), verificamos:

Tabela 3 : SURDOS X SURDOS

Nº de observados: 06				
Faixa etária:				
Formas de comunicação:				
Utilizam Libras	Utilizam a oralização	Utilizam a mímica (gestos)	Utilizam a escrita	Não se comunicam
02	06	04	00	00

Tabela 4 : SURDOS X OUVINTES



RESULTADOS E CONCLUSÕES

Analisemos, primeiramente, as observações realizadas no Ponto 1 de comunicação. Entre as interações SURDOS X SURDOS, é notável um número significativo de surdos usuários de Libras (07, em um total de 08). Como já dito anteriormente, este fator pode ser consequência da presença de alunos de escolas bilíngues no local, que utilizam a Libras como língua primária no aprendizado do Português e de outras disciplinas escolares. Contudo, também é significativo o número de surdos que ainda utilizam a oralização para a comunicação com outros surdos. Como foi registrado o uso da Libras em 07 deles, isso significa que a oralização e o uso dos sinais foram concomitantes aos mesmos usuários, indicando a presença da Comunicação Total entre os interlocutores. Ainda, para reforçar esta ideia, encontramos



pelo menos um indivíduo que se apropria da escrita e de gestos para facilitar a comunicação.

Entre as interações SURDOS X OUVINTES do Ponto 1 de comunicação, os resultados não são tão distintos. Dos 10 observados, 07 se utilizam da Libras para comunicação, e 05 de gestos. A redução do número de usuários de Libras pode ser explicada por serem interações que contam com a presença de alguns ouvintes, muitas vezes com dificuldade de diferenciar a Língua Brasileira de Sinais de gestos comuns, ou que ainda estejam aprendendo tal língua. No processo de aprendizagem da Libras por ouvintes encontramos, por diversas vezes, uma dificuldade dos interlocutores para discernir entre a Libras e o português sinalizado, justamente por as duas línguas apresentarem estruturas gramaticais distintas, que diferem na sintaxe e na morfologia (Quadros, 2004). Ainda, a ocorrência de episódios de oralização continua intensa, confirmando mais uma vez a presença da Comunicação Total, agora entre surdos e ouvintes, que se utilizam da Libras, gestos, leitura labial e até da escrita, em alguns casos, para facilitar a comunicação.

É importante ressaltar que, durante as observações realizadas ao Ponto 1, fica clara que a faixa etária dominante durante as interações são jovens entre 15 e 25 anos. Este fator pode indicar que o desenvolvimento da Libras se torna intenso entre os jovens, o que ressalta uma possível eficiência das leis propostas nos últimos 10 anos para garantir a educação bilíngue e inclusiva aos jovens e crianças surdas em território brasileiro. Ainda sim, a contínua oralização dos surdos pode ser explicada por muitos, talvez, serem filhos de pais ouvintes, sendo criados em ambientes onde a fala prevalece acima dos sinais, tendo que desenvolver a leitura labial para a facilitação da comunicação com seus familiares.

Algumas distinções, porém, podem ser observadas no Ponto 2 de comunicação. Primeiramente, há um destaque para a faixa etária predominante ao público surdo no local, correspondente a indivíduos com mais de 30 anos de idade. Esta estatística pode justificar o porquê de somente 02, dos 06 surdos observados, utilizarem a Libras como principal forma de comunicação, resultando no aumento da prática da oralização entre os interlocutores (06, em um total de 08). É importante também destacarmos que metade dos observados utiliza gestos/mímica para se comunicarem, o que pode ser comum em surdos mais velhos que possuem pouco contato com a Libras, ou que possuem um contato maior com a comunidade ouvinte e ainda estão aprendendo os sinais.



Na interação SURDOS X OUVINTES no Ponto 2 de comunicação, os resultados não foram tão diferentes dos anteriores, com ressalva no aumento de indivíduos usuários da oralização. Este fator pode ser explicado por essa relação contar, também, com interlocutores ouvintes. É importante destacar que em ambas as relações observadas no Ponto 2 não foram registrados episódios de utilização da escrita. A explicação para tal ocorrência pode proceder do fato da maioria dos interlocutores serem oralizados, possibilitando a interpretação de palavras inteiras através dos lábios, sem precisar recorrer à escrita. O recurso da escrita, por diversas vezes, tem-se intensificado em relações entre surdos (oralizados e sinalizadores), que não conhecer a datilologia em sinais e recorrem ao alfabeto escrito.

Sendo assim, é notável também a presença da Comunicação Total nas interações comunicacionais do Ponto 2, principalmente pela observação concomitante da utilização de sinais, oralização e gestos por um único interlocutor.

Desta forma, é aceitável afirmar que, apesar da implementação de políticas bilíngues no país e do aumento da utilização da Libras em território brasileiro, a Comunicação Total ainda é utilizada por muitos surdos e ouvintes, oralizados, sinalizadores, ou estudantes da Língua de Sinais, que buscam por meio de gestos, gesticulação labial e sinais intensificarem sua forma de comunicação, muitas vezes diferenciada e dificultada pela diferença de identidades, culturas e práticas familiares. Não consideramos neste trabalho a presença da Comunicação Total como sendo positiva ou negativa a qualquer forma de comunicação, mas como um recurso que, apesar da intensificação do Bilinguismo na sociedade atual, não se extinguiu entre os interlocutores, que por diversas vezes encontram-se em um processo de ensino-aprendizagem da língua do “outro”, e enquanto esse aprendizado não se dá de forma integral, recorrem a outros artifícios de comunicação concomitantes para auxiliar na compreensão e na transmissão das mensagens comunicacionais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Decreto n. 5.626. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, e artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: SEESP/MEC, 2005.



ERIKSSON, P. *The History of deaf people*. Suécia: TRYCKMAKARNA, Örebro AB, 1998.

MOORES, D. F. *Educating the deaf: psychology, principles and practices*. 4. Ed. Boston: Houghton Mifflin, 1996.

PEREIRA, M. C. C. ; CHOI, D. ; VIEIRA, M. I. S. ; GASPAR, P. R. ; NAKASATO, R. *Libras – conhecimento além dos sinais*. 1 ed. São Paulo: Pearson, 2011.

QUADROS, R. M. *Educação de Surdos: aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SCHLESINGER, H. e MEADOW, K. “The acquisition of bimodal language”. In: I. M. SCHLESINGER e NAMIR, L. (orgs.). *Sign Language of the deaf*. Nova York: Academic Press, 1978.

SKLIAR, C. “Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos”. In: Educação & Exclusão. *Abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. SKLIAR, C. (org.) Porto Alegre: Editora, 1997, p. 106-153.

VELOSO, É.; FILHO, V. M. *Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez*. Curitiba: Mãos e Sinais, 2009. 1. v. p. 21.

<http://www.shoppingmetrostacruz.com.br/shopping.asp> acesso em: 19 de jun. de 2014.

<http://www.shoppingmetrotatuape.com.br> acesso em: 23 de maio de 2014.